

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE:

O PAPEL DA ESCOLA NA GESTÃO DA
DIVERSIDADE E NA PROMOÇÃO
DA INTEGRAÇÃO



Edna Alencar de Castro
(Organizadora)

 EDITORA
ARTEMIS
2021

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE:

O PAPEL DA ESCOLA NA GESTÃO DA
DIVERSIDADE E NA PROMOÇÃO
DA INTEGRAÇÃO



Edna Alencar de Castro
(Organizadora)

 EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadora	Edna Alencar de Castro
Imagem da Capa	Lightwise / 123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México*
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, *Unifimes - Centro Universitário de Mineiros*
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, *Universidade Estadual Paulista*
 Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, *Universidade Federal de Goiás*
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, *Universidade de Passo Fundo*
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, *Universidade Estadual Paulista*
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, *Universidade Federal de Sergipe*
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, *Universidade Federal de Ouro Preto*
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, *Universidade Federal da Bahia*
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, *Universidade Federal do Maranhão*
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, *Instituto Politécnico de Viseu, Portugal*
 Prof.ª Dr.ª Maurícea Silva de Paula Vieira, *Universidade Federal de Lavras*
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, *Universidade Federal Fluminense*
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, *Universidade Federal de Lavras*
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, *Universidade do Estado da Bahia*
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, *Universidade Federal do Pará*
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, *Universidade Federal do Piauí*
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, *Universidade Federal de Uberlândia*
 Prof.ª Dr.ª Sílvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, *Universidade Aberta de Portugal*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, *Universidade do Porto, Portugal*
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, *Universidade Federal de Viçosa*
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, *Universidade Federal de Campina Grande*
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, *Universidade Tecnológica Federal do Paraná*
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação e diversidade [livro eletrônico] : o papel da escola na gestão da diversidade e na promoção da integração / Organizadora Edna Alencar de Castro. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Edição bilingue
 ISBN 978-65-87396-32-3
 DOI 10.37572/EdArt_250421323

1. Educação. 2. Diversidade. 3. Prática de ensino. I. Castro, Edna Alencar de.

CDD 371.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

A obra “**Educação e Diversidade: o Papel da Escola na Gestão da Diversidade e na Promoção da Integração**” foi produzida em um momento ímpar na história do Brasil e do mundo.

No Brasil, além do impacto na Educação que teve a crise sanitária gerada pela pandemia da Covid-19, vivemos os impasses advindos da retomada partidária que deu margem à criação de novos parâmetros instituídos pelo atual governo, que acarretaram o retrocesso da situação educacional no país. Esse retrocesso é marcado em relação a um período anterior, de implementação de um determinado aparato legislativo que abriu caminho para o vislumbre de maior justiça social e redemocratização do ensino. As lutas políticas e sociológicas para o redirecionamento de ações e práticas realizadas pelo Ministério da Educação no que concerne à Diversidade na escola foram outrora de grande intensidade. Entretanto, as últimas leis sancionadas não se efetivaram por completo para que houvesse a amenização das desigualdades e total integração dos indivíduos, no ambiente escolar ou fora dele.

O despertar ocasionado por esta dura trajetória não terminou e requer coragem e desbravamento frente aos desafios que se tornam cada vez maiores; se traduzem nas questões culturais as mais complexas e contundentes possíveis, que foram historicamente construídas e se encontram inseridas no tecido social da humanidade.

Este livro compila pesquisas em torno de um debate atualizado e propositivo sobre a educação para a diversidade, apresentando um conjunto de propostas que contribuem para um diálogo intercultural. São nove trabalhos de autores de sete países (Argentina, Brasil, Chile, Espanha, México, Portugal e Uruguai) que trazem importantes contribuições para o desenvolvimento de noções de igualdade, inclusão e integração.

Avancemos criando resistência, tal qual o africano assim o faz, de maneira sábia e consciente como quem se embrenha pela mata e deixa um galho atravessado no meio do caminho para que ninguém o encontre, desviando assim a atenção de quem o procura infaustamente no intuito de opressão sabendo que, assumir a diversidade significa, não apenas fazer uma profunda reflexão sobre as singularidades dos grupos sociais dos quais fazemos parte, mas também, implementar políticas públicas capazes de alterar relações de poder para a redefinição de novos rumos e escolhas no questionamento da nossa visão de democracia. Por estas razões, considero louvável a iniciativa desta obra tão significativa para o momento atual, em que nossas cinzas se tornarão em *celebração* daquilo que ainda virá.

Boa leitura!

Edna Alencar de Castro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 1

EL TEATRO CHILENO COMPROMETIDO CON LA EDUCACIÓN POPULAR. UNA ALIANZA ESTRATÉGICA ENTRE ESTUDIANTES, TRABAJADORES Y LA CENTRAL ÚNICA DE TRABAJADORES. 1963-1969

[Daniela Wallffiguer Belmar](#)

DOI 10.37572/EdArt_2504213231

CAPÍTULO 2 17

ENCUENTRO DE CULTURAS

[Lorena Mazullo Annoni](#)

DOI 10.37572/EdArt_2504213232

CAPÍTULO 3 26

EXPERIENCIA ETNOMATEMÁTICA EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES DE MATEMÁTICA MEDIANTE MODELIZACIÓN MATEMÁTICA

[Silvia Inés del Valle Navarro](#)

[Gustavo Adolfo Juarez](#)

DOI 10.37572/EdArt_2504213233

CAPÍTULO 4 35

IDENTIDADES PROFISSIONAIS DE EDUCADORAS DE INFÂNCIA A INTERVIR EM CRECHE: DAS IDENTIDADES HERDADAS ÀS IDENTIDADES DESEJADAS

[Isabel Maria Tomázio Correia](#)

DDOI 10.37572/EdArt_2504213234

CAPÍTULO 5 49

LA EVALUACIÓN DEL APRENDIZAJE Y SU RELACIÓN CON LAS EVIDENCIAS DE DESEMPEÑO: PRÁCTICAS DE PROFESORES UNIVERSITARIOS

[Silvia Amalín Kuri Casco](#)

DOI 10.37572/EdArt_2504213235

CAPÍTULO 6 59

LA UNIVERSIDAD PÚBLICA PARA TODOS... O PARA ALGUNOS?

[Gladys Esther Leoz](#)

DOI 10.37572/EdArt_2504213236

CAPÍTULO 7..... 71

LA VISIÓN DE LOS ESTUDIANTES ACERCA DE LA EVALUACIÓN DE APRENDIZAJES EN QUÍMICA

[Mónica Franco](#)

[Manuel Nieto](#)

DOI 10.37572/EdArt_2504213237

CAPÍTULO 8 83

METODOLOGIA DECOLONIAL COMO POLÍTICA DE AÇÃO AFIRMATIVA PARA O ENSINO DE MÚSICA NO BRASIL

[Edna Alencar de Castro](#)

DOI 10.37572/EdArt_2504213238

CAPÍTULO 9 99

PROPOSAL FOR THE IMPLEMENTATION OF THE TANGIBLE AND PLURAL PROSOCIAL DYNAMIC (TPPD) “EL ESPEJO DE COLOR” IN THE SCHOOL SPORTS ENVIRONMENT

[María José Benítez Jiménez](#)

DOI 10.37572/EdArt_2504213239

SOBRE A ORGANIZADORA 105

ÍNDICE REMISSIVO 106

CAPÍTULO 6

LA UNIVERSIDAD PÚBLICA PARA TODOS... O PARA ALGUNOS?

Data de submissão: 07/03/2021

Data de aceite: 12/04/2021

Dra. Gladys Esther Leoz

Universidad Nacional de San Luis.

San Luis, Argentina

<https://orcid.org/0000-0003-0965-7087>

RESUMEN: El imaginario social instituido crea las condiciones para la emergencia de instituciones que portan y transmiten las significaciones imaginarias sociales, entre las que se encuentra las instituciones educativas y específicamente la universidad. Este trabajo es producto de una investigación doctoral que pretende identificar -en el imaginario argentino actual- las significaciones sociales que se le adjudican a la universidad pública y comprender su incidencia en los estudiantes del nivel. Los resultados de la investigación mostraron que la idealización de la universidad prevalecía en el imaginario argentino, aunque sostenida a partir de distintas connotaciones que ponían en juego la impronta subjetiva. La excelencia académica, la promoción de la libertad de pensamiento y del pensamiento crítico y la potencia como garante de movilidad socio-cultural y de inclusión tanto al mundo laboral, como a una elite socio-

cultural, se puntuaron como significaciones sociales que se le adjudicaban. Sin embargo, en este entramado de sentidos se visibilizó una situación dilemática. Si bien por un lado era significada como “la universidad para todos” a partir de sus atributos de gratuidad y promoción de la libertad, por otro lado era significada como una institución “para pocos” que desplegaba potentes dispositivos que expulsaban a todo aquel que se alejaba del estudiante ideal (tanto por su capital cultural, su formación académica, su disponibilidad económica y horaria) y que se entretrejan con significaciones discriminantes vinculadas al género (vinculo mujeres-conocimiento científico, embarazos y maternidad). Esta situación dilemática que tornaba inaccesible el ingreso y pertenencia en la universidad sobre todo para sectores más vulnerables, puso en evidencia el resquebrajamiento del contrato narcisista originario establecido entre el sujeto y la sociedad (Fernández, 2011), por el cual ésta debe garantizarle al sujeto un lugar disponible para ser ocupado por él en el entramado social.

PALABRAS CLAVE: Significaciones sociales. Inclusión. Exclusión. Universidad. Estudiantes.

**THE PUBLIC UNIVERSITY FOR EVERYONE ...
OR FOR SOME?**

ABSTRACT: The instituted social imaginary creates the conditions for the emergence

of institutions that carry and transmit social imaginary meanings, among which are educational institutions and specifically the university. This work is the product of a doctoral research that aims to identify -in the current Argentine imaginary- the social meanings that are attributed to the public university and understand their impact on students at the level. The results of the research showed that the idealization of the university prevailed in the Argentine imaginary, although supported by different connotations that put the subjective imprint into play. Academic excellence, the promotion of freedom of thought and critical thinking and the power as a guarantor of sociocultural mobility and inclusion both in the world of work, as well as a sociocultural elite, were scored as social meanings assigned to it. However, in this web of senses a dilemmatic situation became visible. Although on the one hand “the university for all” was conceived based on its attributes of gratuitousness and promotion of freedom, on the other hand it became an institution “for the few” that deployed powerful devices that expelled all those who moved away from the ideal student (both because of their cultural capital, their academic training, their economic and hourly availability) and that were interwoven with discriminating meanings linked to gender (link between women and scientific knowledge, pregnancy and motherhood). This dilemmatic situation that made admission and membership in the university inaccessible, especially for the most vulnerable sectors, highlighted the breakdown of the original narcissistic contract established between the subject and society (Fernández, 2011), by which it must guarantee the subject a place available to be occupied by him in the social fabric.

KEYWORDS: Social meanings. Inclusion. Exclusion. University. Students.

1 INTRODUCCIÓN

La elección de la institución en donde cursar estudios superiores (ya sea universitaria o no-universitaria, pública o privada o una específica dentro de los mencionados subgrupos) es producto de un intenso trabajo psíquico en el que interjuegan significaciones sociales epocales, coyunturas socioeconómicas, políticas educativas, mandatos familiares, el deseo propio, “experiencias pasadas y vivencias del presente que habilitan la configuración de las intenciones de futuro” (Aisenson, Virgili, Polastri, & Azzolini, 2012, pág. 298).

Esta decisión entraña sentidos singulares que dan cuenta de múltiples atravesamientos que determinan la elección y perfila las modalidades que adquiere el vínculo que el sujeto establece con la institución, pero también el vínculo con el conocimiento. Este trabajo intenta identificar y analizar significaciones sociales adjudicadas a la universidad pública, presentes en el discurso de estudiantes adolescentes y sus grupos sociales primarios y secundarios.

1.1 ACERCA DE LA INVESTIGACIÓN QUE FUNDAMENTA EL TRABAJO

Se debe destacar que éste escrito da cuenta de una de las categorías de análisis investigadas en una tesis doctoral que procura comprender las vinculaciones que existen entre las significaciones sociales acerca de los subniveles universitario y no-universitario cristalizados en el imaginario social argentino y el posicionamiento que asumen frente al aprendizaje estudiantes de 1° año de profesorado universitarios y terciarios. En tanto se trata de una investigación comparativa se trabajó con una muestra constituida por 20 estudiantes, en la que quedaron representados en igual proporción profesorado que se dictaban en la Universidad Nacional de San Luis y en el Instituto de Formación Docente Continua San Luis. Se utilizó como fuente primaria para la recolección de datos la administración de entrevistas en profundidad. El análisis de datos adoptó una lógica cualitativa, interpretativa y hermenéutica, que supuso un complejo proceso en que la teoría y la empírica se entremezclaron en una relación dialéctica, en el que los datos fueron tomados como únicos y de carácter ideográfico, buscándose tendencias, tipologías, regularidades y/o patrones.

2 LA UNIVERSIDAD PÚBLICA ARGENTINA EN LA TRANSICIÓN DEL IMAGINARIO MODERNO AL DE LA MODERNIDAD LÍQUIDA.

La historización de la universidad argentina desde 1623 al ingreso al siglo XXI permitió visibilizar los cambios en el imaginario social argentino generados a partir de fuerzas instituyentes que crearon nuevos sentidos a la Universidad pública argentina en distintos periodos de la modernidad. Esta producción imaginante fue posible en tanto que todo cosmo de sentido se da inserto en un “caos de estratificación no regular” (Castoriadis, 1988: 64) que visibiliza que lo social no sólo obedece a una lógica conjuntista identitaria que rige el imaginario social instituido, sino también por una lógica magmática que alberga la capacidad imaginativa del colectivo anónimo... alberga ese “aspecto de lo humano que hace del mundo, un mundo de invención, de mutación” (Cristiano, 2012: 41).

El recorrido realizado visibilizó la sinergia que se desencadenaba entre la consolidación de imaginarios instituidos y las fuerzas instituyentes que daban cuenta de su potencia creadora configurando nuevas significaciones imaginarias sociales, las que a su vez configuraban nuevos ordenamientos sociales y nuevas subjetividades. Desde una universidad que formaba la elite dirigencial masculina en firme sostenimiento del imaginario instituido oligárquico, a una universidad transformada por fuerzas instituyentes juveniles que rompieron el imaginario cristalizado y habilitaron el ingreso de la clase media masculina. La progresiva mutación del imaginario universitario permitió el ingreso

y empoderamiento de las clases históricamente segregadas y ofició de garante de su movilidad socio-cultural-económica. La tan ansiada autarquía fue el logro más difícil de alcanzar por el siempre vigente intento de los gobiernos de turno de controlar el discurso que la universidad enunciaba. Al mismo tiempo la lógica democrática erigida como ideal luchó en muchas ocasiones con sus propias contradicciones, ya que cíclicamente los distintos actores sociales trasmutaban de censurados a censoradores, de excluidos a expulsos y viceversa. El retorno de la democracia tras el último golpe militar finalmente parece haber consolidado un imaginario democrático que permite albergar pensamientos diversos, contradictorios e innovadores. Sin embargo, el final del siglo XX signado por el comienzo de la licuación de los fundamentos de la modernidad denunció la creación de nuevas significaciones sociales que redefinieron la identidad de la universidad perfilándola como una universidad de mercado, productora de sujetos consumistas y objetos de consumo.

Es interesante puntuar que al final del siglo –tras muchas mutaciones- cuando comenzó a consolidarse la modernidad líquida como imaginario instituido, en la universidad se potenciaron procesos singulares que la posicionaron como a principios de su historia en una institución para pocos. La caída de los garantes metasociales y metapsíquicos de la modernidad que plantean algunos autores (Kaës, (2007) y Cristiano (2012)) dieron lugar al desinvertimiento de inscripciones institucionales y lazos comunitarios, a un desfondamiento de sentido de las normas, el deber, la obligación, la rebeldía y a fuertes sentimientos de desamparo, soledad, impunidad, etc. Algunos autores (Fernández, López, & Borakievich, 2011; Pierella, 2014; Carli, 2012) plantean que con el advenimiento del siglo XXI, la imposibilidad de habitar la institución universitaria no tuvo su eje central en los procesos expulsivos de la institución sino en la falta de deseo de los sujetos de habitarla.

El campo de investigación de los imaginarios universitarios argentinos actuales –y puntualmente focalizados en la provincia de San Luis- se tornó entonces un desafío que intentó determinar si este fenómeno registrado en las Universidades más grandes de la Argentina (UBA, UNR, etc.) también se presentaría en Universidades más pequeñas del interior del país.

El discurso de la totalidad de los entrevistados puso en evidencia que la universidad pública era ubicada en un lugar privilegiado en el imaginario social puntano, deviniendo en objeto de deseo de los distintos grupos sociales y etarios “**La universidad pública es la mejor**” era una afirmación que se explicitaba en el discurso de algunos estudiantes universitarios y que se le categorizaba como significación social debido a que se sostenía como convicción internalizada incuestionable en tanto era avalada por otros actores sociales que ocupaban lugares institucionales y afectivos importantes (padres y docentes).

La idealización de la universidad estaba presente en el imaginario de los entrevistados, aunque sostenida a partir de distintas connotaciones que ponían en juego la impronta subjetiva. Se puntuaron distintas significaciones sociales.

En primer lugar, **la excelencia académica como característica identitaria de la universidad** fue una significación social adjudicada a las universidades nacionales, fundamentada en primer lugar en la calidad del conocimiento científico que generaba y a partir del cual se formaban los profesionales. En algunos casos se resaltaba la excelencia académica adjudicada a la universidad al mismo tiempo que marcaban la calidad del capital cultural de los adolescentes como presagio del fracaso de sus proyectos educativos personales. En otros casos la excelencia académica aparecía anudada a la comparación con las otras instituciones del nivel superior, en términos de la mayor profundidad de los conocimientos científicos impartidos y en el fomento del pensamiento crítico. Por otro lado, la excelencia académica estaba vinculado a la calidad de los docentes y de sus prácticas de enseñanza.

En segundo lugar, **la universidad como promotora de la libertad de pensamiento y del pensamiento crítico** fue otra significación atribuida, que en algunos casos se asociaba a la posibilidad de protagonizar un cambio social pero que no implicaba la participación activa en los centros de estudiantes universitarios sino en movimientos individuales y a través de organizaciones no-formales. Este hecho tiene concordancia con lo concluido por (Fernández A. M, 2004, pág. 4) quien en ese momento detectaba que los estudiantes realizaban una *“defensa de la educación pública y gratuita para todos como copia sin reapropiación de aquella concepción expresada en los sesenta y setenta”*. Podría pensarse que la caída de los garantes metasociales llevaba a que los sujetos perdieran la confianza en instituciones que consideraban que reproducían las prácticas viciadas del sistema político argentino.

En tercer lugar, en la mixtura de significaciones que daban cuenta de la idealización de la universidad se identificó el **prestigio institucional** -entendido como la imagen positiva que la sociedad tiene de la institución- como elemento que contribuye a su posicionamiento en un lugar privilegiado en el imaginario social. Aunque esta significación se acompañaba con otras que contribuían a la toma de decisión en la elección institucional, es interesante puntuar, que las estudiantes que las explicitaban provenían de familias de profesionales y/o de clase media alta. Podría asociársela importancia que esta significación tiene en la configuración subjetiva de estas adolescentes cuya subjetividad se constituyó inmersa en coordenadas epocales que ponderan el valor de la imagen y la mirada del otro social. La pertenencia a una institución prestigiosa –desplegaba procesos identificatorios tanto en los miembros de la institución como en el conjunto social- a partir de los cuales sus

miembros y sus graduados comparten esa significación, potenciando la valoración que la sociedad hace de ellos, al mismo tiempo que fortalecía la permanencia en su grupo sociocultural de origen.

En cuarto lugar, **la universidad como garante de una futura inclusión en el mundo laboral y de la movilidad social-cultural** fue la significación social que apareció con mayor fuerza principalmente en adolescentes de clases medio-bajas y medios. Asociada a ella, pero generalizada a todas las clases sociales de pertenencia se concebía a **la universidad como garante de la inclusión en una elite sociocultural**. Anudadas a esta significación aparecen otras que garantizan -en un futuro inmediato- la inclusión de una **vida universitaria social activa y placentera**. Una adolescente cuando se le preguntaba sobre sus conocimientos previos acerca de la universidad comentaba entusiasmada *“Conocía eso que todos que cuentan... que es la mejor etapa, que las peñas, la Florida”* (UA9). Dado el valor que en la actualidad toma el grupo en la constitución de subjetividades en la adolescencia actual, la promesa de pertenencia a un grupo socialmente activo y feliz promueve el rápido despliegue de procesos identificatorios en tanto visibiliza la efectividad de la reactualización del contrato narcisista del sujeto ahora con la institución universitaria.

Podría pensarse que la perpetuación de ese lugar idealizado se debía a que está incluida tanto en el discurso letrado de la modernidad que tiene sus pilares en la razón, el progreso y la libertad, como en el discurso de la modernidad líquida apuntado en la idea de la sociedad del conocimiento. Pese a ello se destaca que -aunque tiene en común el vínculo con el conocimiento- la universidad presenta connotaciones distintas en los dos imaginarios: en el imaginario moderno el foco está puesto en la capacidad de la universidad para potenciar en los sujetos el despliegue de la “razón”, el desarrollo de un pensamiento que propendiera al mayor nivel de abstracción posible y un bagaje de conocimientos enciclopédicos; mientras que en la sociedad del conocimiento lo esencial apunta al acceso al conocimiento científico, el cual tiene muchas veces como fin el ser usado como objeto de consumo, entonces la universidad se convierte sólo en uno de los caminos posibles para el acceso al conocimiento socialmente valorado. El pasaje del “ser” de la modernidad al “tener” de la modernidad fluida marca un punto de diferenciación. La sociedad argentina se encuentra en un momento de transición entre estos dos imaginarios, con la complejidad que esto implica en tanto coexisten ambos discursos sostenidos con distinto nivel de pregnancia por la generación adolescente y por la de los adultos laboralmente activos: unos porque el proceso de socialización estuvo impregnado por el imaginario de la modernidad líquida y su subjetividad está configurada bajo esas coordenadas, mientras que los otros aun a regañadientes han

tenido que reconocer, adaptarse al discurso de la modernidad líquida que se efectivizó con más fuerza en el mundo institucional-laboral y apropiarse de las nuevas herramientas culturales y tecnológicas para no caerse del sistema. En este contexto es inevitable pensar en el impacto que la caída de los referentes metasociales ha producido en los procesos identificatorios respecto de las instituciones sociales con la consiguiente labilidad de las marcas de pertenencia. Así –principalmente en los imaginarios sociales de los estudiantes universitarios adolescentes entrevistados- se destacan respecto de la universidad significaciones contrapuestas entre la idealización y el descarte. La misma estudiante que en momentos ponderaba la universidad en otros momentos planeaba abandonarla sin mostrar algún inicio de afectación emocional, dando cuenta no sólo de la calidad de las identificaciones de la entrevistada con la universidad, sino también de la particular significación de tiempo en la adolescencia fluida.

3 LA UNIVERSIDAD PÚBLICA PARA TODOS... O PARA ALGUNOS?

En el discurso de los estudiantes de profesorado se detecta que la universidad ocupa un lugar singular que pone en tensión el par inclusión/exclusión cristalizado en el discurso como “la universidad para todos” o “la universidad para pocos”. Significaciones contrapuestas que interpelan la potencia del Discurso del Conjunto como organizador social y como garante metasocial del contrato narcisista.

“La universidad pública es para todos”: esta significación llevaba a los estudiantes a la defensa de la universidad pública, con distintas connotaciones, pero adjudicándole principalmente la potencia para habilitar la inclusión en base a la accesibilidad económica. Es decir que esta significación permitiría proyectar el ingreso y permanencia en la institución universitaria, al mismo tiempo que operaba como garante de la futura inclusión laboral y social.

El discurso de algunos estudiantes de profesorado daba cuenta de significaciones sociales en que anudaban la accesibilidad con la gratuidad de la educación superior argentina, destacando que esta última era el factor esencial para poder continuar estudios superiores: **“La universidad es accesible porque es gratuita”**. En un sentido estas significaciones que remitían a la accesibilidad daban cuenta de la vigencia y efectividad del contrato narcisista que garantiza a los sujetos un lugar en la sociedad y en sus instituciones. Sobre todo, éstas eran defendidas con apasionamiento por sujetos provenientes de sectores medios y medios bajos para los cuales la educación seguía conteniendo esencialmente la promesa de movilidad socioeconómica y cultural. “Cuando se nace pobre, estudiar es el mayor acto de rebeldía contra el sistema. El saber rompe las cadenas de la esclavitud”, es una frase que popularizó un fallecido economista argentino,

que da cuenta no solo de la significación de la educación como valor instituido sino también de su raíz instituyente.

En otros casos la defensa apasionada de la universidad pública se basaba en la convicción que -aunque la universidad sostenía valores sociales instituidos- también garantizaba un lugar a ser ocupado desde la singularidad de cada uno, como acto de empoderamiento: mientras que en algunos estudiantes expresaban **“La institución ofrecen un campo amplio de conocimiento y dentro de él uno elige su camino”** otros afirmaban **“En la universidad Nacional hay libertad de expresión y fomento del pensamiento crítico”** y en otros casos se realizaba sin que pudieran argumentar los fundamentos de su defensa: **“En la Universidad se puede cursar una carrera siguiendo sus intereses y ritmos”**(UA6).

Sin embargo, frente a estas significaciones se visualizaron otras contrapuestas que representaban el otro polo del par antitético inclusión/exclusión y denunciaban **“La universidad pública es para pocos”**, ubicando el punto focal en la inaccesibilidad académica que activaba movimientos repulsivos y expulsivos de la universidad.

La coexistencia de significaciones contrapuestas puede ser explicada teniendo en cuenta distintos elementos. En primer lugar, la alternancia de ellas en el discurso de los entrevistados daba cuenta de lo que -a partir de sus investigaciones con jóvenes estudiantes universitarios- había concluido Fernández (2011): no se puede hablar de un imaginario social sino de imaginarios sociales.

En segundo lugar y siguiendo la misma lógica Hurtado Herrera, (2013) en su investigación doctoral con jóvenes colombianos sobre imaginarios de deseo detectaba que ellos significaban al mismo tiempo al deseo como potencia y como carencia, a partir de lo cual concluía que el entrecruzamiento de las significaciones imaginarias, de las mixturas y de las hibridaciones entre ellas configuran imaginarios, poniendo en evidencia su carácter magmático. En estas “mixturas” que plantea Hurtado es donde se puede ubicar las significaciones que le adjudicaban los estudiantes entrevistados a la universidad pública, en tanto, institución social que garantizaba un lugar para ser ocupado por ser ciudadanos pero paradójicamente la significaban como inaccesible.

En tercer lugar, podría entenderse esta contradicción en tanto el ingreso y pertenencia a la universidad reactualiza el contrato narcisista originario en un contexto epocal fluido, signado por la caída de los garantes metasociales y metapsíquicos. El hecho que representantes del mundo adulto importantes en la vida de los estudiantes, como lo son docentes de los últimos años de la escuela secundaria portaban la significación de la universidad como pared infranqueable contra la que los sueños de los adolescentes se estrellarían, posicionando al sujeto como impotente y a la universidad como inaccesible.

Los profundos cambios sociales que está fusionando la modernidad sólida, han provocado la vacilación de los garantes metasociales y de las significaciones centrales de nuestra sociedad, lo que impactó de lleno en las instituciones educativas y los sujetos que las habitan. Como resultado se observa el avance de la in-significancia, es decir la pérdida de sentido de la función y confiabilidad de la educación y de sus instituciones por parte de los docentes y estudiantes. Paradójicamente en la sociedad del conocimiento, las instituciones educativas parecen ser objeto de críticas radicales. La educación, en tanto significación social central, continúa en la actualidad ocupando el centro simbólico como lo hacía en la modernidad tardía, pero como significación devaluada. A mismo tiempo han ido perdiendo fuerza e importancia otras significaciones vinculadas a las normas sociales. Cristiano (2012) afirma que cuando esto ocurre y el sujeto cede su omnipotencia primaria a cambio de un sentido devaluado el contrato narcisista tambalea y lleva al sujeto a enfrentar el sin sentido y la incertidumbre respecto de las marcas de pertenencia, las marcas simbólicas, la función y la confianza en las instituciones... todo el sistema metainterpretativo de la realidad vacila. En este sentido, **“La universidad es como una pared”** (5-20) es una significación que apareció con insistencia sostenida por los docentes del último año de los estudiantes entrevistados. Una estudiante que en momentos de su discurso se identificaba con la función inclusiva de la universidad relataba: *“A mí cuando terminé la secundaria una profesora de filosofía y psicología, nos dijo: chicos prepárense para lo que va a ser una pared... yo me quede mirándola, y dije “no, no puede ser así, no va a ser tan feo...”. Pero no tanto, como después lo tuve que vivir... Empecé el ingreso, fueron normales... Sin problema, pero después cuando empezaron las clases, casi me muero.... Ahí me acorde de la profe de filosofía... me encontré con la pared...”* (UA4). Los mismos protagonistas desconfiaban de la eficacia de la función docente que desempeñaban y los estudiantes escuchaban atónitos el presagio de fracaso en el momento en que estaban gestando su proyecto educativo personal.

“En la universidad sos un número” es otra de las significaciones que da cuenta de estos mecanismos expulsivos que vulneran la promesa de filiación, de oferta de un lugar a ser ocupado por el sujeto en la institución. La vulneración del contrato narcisista se produce en tanto que la oferta del lugar institucional no garantiza el reconocimiento subjetivo, sino que por el contrario promete la ocupación de un lugar como objeto indiferenciado.

La universidad se torna entonces una institución que es identificada por sus mecanismos expulsivos de todo aquel que se aleje del alumno ideal (tanto en el capital cultural, la formación académica, la disponibilidad y exclusividad). En este sentido los mecanismos expulsivos se entretajan con significaciones vinculadas al género

(embarazos y maternidad) y sus vicisitudes de vida (necesidad de trabajar). Es allí cuando aparece como significación **“La universidad es inaccesible para la gente con familia o que trabaje”**.

4 A MODO DE CIERRE

El imaginario social instituido crea las condiciones para la emergencia de instituciones que portan y transmiten las significaciones imaginarias sociales, entre las que se encuentra las instituciones educativas y específicamente la universidad. Los resultados de la investigación mostraron que la idealización de la universidad prevalecía en el imaginario argentino, aunque sostenida a partir de distintas connotaciones que ponían en juego la impronta subjetiva. La excelencia académica, la promoción de la libertad de pensamiento y del pensamiento crítico y la potencia como garante de movilidad sociocultural y de inclusión tanto al mundo laboral, como a una elite sociocultural, se puntuaron como significaciones sociales que se le adjudicaban.

Pueden destacarse coincidencias y algunas diferencias detectadas en las significaciones adjudicadas a la universidad por los dos grupos analizados (universitarios y terciarios). Por un lado, ambos ubican a la universidad en un lugar privilegiado en el imaginario social puntano, asociando la excelencia académica como característica identitaria de la universidad y a su potencia como garante de inclusión en una elite sociocultural.

En el grupo universitario se detectó un abanico de significaciones positivas que fortalecían los lazos que ellos tenían con la institución a la que pertenecían. La universidad en tanto portaba un gran prestigio institucional, se la percibía como garante de una futura inclusión en el mundo laboral, de la movilidad social-cultural, de una vida social activa y placentera dentro de la institución y como promotora de la libertad de pensamiento y del pensamiento crítico.

En este entramado de sentidos se visibilizó una situación dilemática ya que al mismo tiempo los universitarios defendían fuertemente la significación social que determinaba que “La universidad pública es para todos”: fundamentando su aseveración en la gratuidad y la libertad. Se detectaron las siguientes significaciones sociales asociadas: “La universidad es accesible porque es gratuita”, “La institución ofrecen un campo amplio de conocimiento y dentro de él uno elige su camino”, “En la universidad Nacional hay libertad de expresión y fomento del pensamiento crítico” y “En la Universidad se puede cursar una carrera siguiendo los intereses y ritmos propios”. Sin embargo, este grupo también denunciaba dispositivos que expulsaban a todo aquel que se alejaba del

estudiante ideal (tanto por su capital cultural, su formación académica, su disponibilidad económica y horaria) y que se entretrejan con significaciones discriminantes vinculadas al género (vinculo mujeres–conocimiento científico, embarazos y maternidad), frente a los que debían luchar para no ser excluidos y asegurar su permanencia. Era entonces cuando la Universidad devenía en una institución “para pocos” a la que se la refería como: “La universidad es como una pared”, “En la universidad sos un número”, “La universidad es inaccesible para la gente con familia o que trabaje”. En la misma línea, en el grupo de estudiantes terciarios se resaltaban significaciones sociales que visibilizan procesos expulsivos de la universidad que la posicionaban como una institución para pocos, en la que ellos quedaban excluidos. “En la universidad sos un número” y “la universidad es inaccesible para la gente con familia o que trabaje”, fueron las significaciones que predominaron. Esta situación dilemática que tornaba inaccesible el ingreso y pertenencia en la universidad sobre todo para sectores más vulnerables puso en evidencia el resquebrajamiento del contrato narcisista originario establecido entre el sujeto y la sociedad (Fernández, 2011), por el cual ésta debe garantizarle al sujeto un lugar disponible para ser ocupado por él en el entramado social. Esto nos lleva a interrogarnos sobre la responsabilidad social de la universidad y al compromiso de cada uno de nosotros como miembros de la institución para generar condiciones de habitabilidad en ella.

BIBLIOGRAFÍA

- Aisenson, D., Virgili, N., Polastri, G., & Azzolini, S. (2012). La noción de “proyecto” en jóvenes que consultaron en un servicio de orientación. Abordaje desde la teoría de las representaciones sociales. *Anuario de Investigaciones, Universidad de Buenos Aires*, 297-304.
- Carli, S. (2012). *El estudiante universitario. Hacia una historia del presente de la educación pública*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Castoriadis, C. (1988). *Los dominios del hombre*. Barcelona: Gedisa.
- Cristiano, J. (2012). *Lo social como institución imaginaria; Castoriadis y la teoría sociológica*. Villa María: Edivim.
- Fernández A. M, L. M. (2004). Los imaginarios sociales. Del concepto a la investigación de campo. *Tramas*(22), 145-179.
- Fernández, A. M., López, M., & Borakievich, S. O. (2011). De los imaginarios y prácticas sociales a las lógicas colectivas. (U. Facultad de Psicología, Ed.) *Anuario de investigaciones*(18), 249-259. Recuperado el 11 de agosto de 2017, de http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16862011000100027&lng=es&tlng=es.
- Hurtado Herrera, D.R. (2013). Significaciones imaginarias atópicas de deseo. Una aproximación desde los jóvenes urbanos. *Estudios Pedagógicos (Valdivia)*, 39(2), 179-198. doi:<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-07052013000200012>

Kaës, R. (2007). El malestar del mundo moderno, los fundamentos de la vida psíquica y el marco metapsicológico del sufrimiento contemporáneo. Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Recuperado el 31 de agosto de 2017, de <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmV6MjAxMnxneDoxZDY4YmM2ZGU3Nj-cxYTMx>

Pierella, M. P. (2014). *La autoridad en la universidad: vínculos y experiencias entre estudiantes, profesores y saberes*. . Buenos Aires: Paidós.

SOBRE A ORGANIZADORA

Edna Alencar de Castro trabalha com Tecnologias Sociais de Inovação no campo da Etnomusicologia. Atuou como professora de Educação Musical, de Prática Coral e Instrumental durante 20 anos, tendo desenvolvido através do Projeto GRIOT - Os Cantos, As Caras e As Cores do Brasil, uma prática musical que alia o ritmo corporal percussivo à multiplicidade vocal com a contextualização matricial de etnicidades específicas de origem tupi, afro e lusófona. Esta prática se configurou numa Metodologia Decolonial para o Ensino de Música que tem sido difundida e consolidada por meio da criação do IMUD - Instituto Música e Diversidade, o qual dirige. É bacharel em Arquitetura e Urbanismo, bacharel em Piano com Licenciatura Plena em Música - UFRJ. Mestrado em Relações Étnico-Raciais na linha de pesquisa: Campo Artístico e Construção de Etnicidades CEFET/ RJ. Compõe, cataloga, investiga e decodifica elementos técnico-musicais matriciais contextualizados com expressões e manifestações rituais, religiosas e sociais. Membro da Associação Brasileira de Etnomusicologia – ABET e Investigadora oficial do Grupo de Investigación en Etnomusicologia del Circulo Amerindiano – GRECA em Córdoba / Argentina, pertencente ao Centro Studi Americanistici Circulo Amerindiano Onlus, com sede em Perugia / Itália.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antisocial behaviours 99, 101, 102, 103

C

Central única de trabajadores 1, 9, 13

Comunidad de aprendizaje 17, 18, 19, 22, 23, 25

Contemporaneidade 83

Convenios culturales 1, 6, 7, 10, 13, 14

Creche 35, 36, 38, 39, 42, 45, 46, 47

Cultura 2, 3, 4, 6, 10, 12, 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 83, 84, 85, 86, 87, 95, 96

E

Educação Musical 83, 87, 89, 98

Educación artística 1

Educadoras de infância 35, 36, 39, 40, 41, 48

Enseñanza 19, 22, 25, 26, 27, 29, 31, 33, 34, 49, 58, 63, 72, 73, 74, 82

Espejo de color 99, 100, 101, 102, 103

Estudiantes 1, 4, 7, 10, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Etnomatemática 26, 27, 28, 29, 33, 34

Evaluación de aprendizajes 71, 72, 74, 75, 76, 81

Evaluación del aprendizaje 49, 50, 52, 54, 57, 58, 82

Evidencias de desempeño 49, 50, 51, 52, 53, 56, 58

Exclusión 3, 20, 59, 60, 65, 66

I

Identidade afro-brasileira 83, 88

Identidades profissionais 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48

Inclusión 20, 59, 60, 64, 65, 66, 68

Intercultural 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 98

L

Laboratorio 6, 11, 26, 27, 30, 34

M

Metodologia Decolonial 83, 88, 91

Migrante 17, 18, 19, 23, 25

Modelos Matemáticos 26, 27, 29, 30, 31, 34

Multicultural 17, 18, 19, 20, 23, 25, 85, 88

P

Práticas pedagógicas 17, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 44, 45, 47, 87, 89

Profesores universitarios 49, 53, 57

Q

Química 17, 71, 74, 77, 82

R

Rio de Janeiro (Brasil) 83

S

School 49, 99, 100, 101, 102, 103

Significaciones sociales 59, 60, 61, 62, 63, 65, 68, 69

Sports Dynamic 99

T

Teatro 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 51, 94

U

Universidad 1, 2, 5, 6, 7, 8, 11, 14, 25, 26, 27, 49, 53, 54, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 82, 100

V

Visiones de los estudiantes 71



**EDITORA
ARTEMIS**